

O cuidado de si no Primeiro Alcibiades de Platão: perspectivas foucaultianas

THE CARE OF THE SELF IN PLATO'S ALCIBIADES FIRST: FOUCAULTIAN PERSPECTIVES

*Priscila Céspedes Cupello**

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir a prática do cuidado de si no diálogo Primeiro Alcibiades de Platão, valendo-se da perspectiva do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) no seu curso intitulado *Le Courage de la vérité* ministrado no Collège de France. A análise do diálogo Primeiro Alcibiades de Platão é importante para podermos perceber como ocorria na prática o cuidado de si exercido por Sócrates com seus contemporâneos na polis ateniense. Esse diálogo ilustra bem a concepção de cuidado relacionado com o cuidado da alma, ou seja, com aquilo que se é verdadeiramente, já que a vida corpórea é marcada por um período da existência em que alma ganha a propriedade do corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Política; Gobierno; Formación de los profesores.

ABSTRACT

This work aims to discuss the practice of self-care in Plato's First Alcibiades dialogue, using the perspective of the french philosopher Michel Foucault (1926-1984) in his course entitled *Le Courage de la vérité* taught at the Collège de France. The analysis of Plato's First Alcibiades dialogue is important so that we can understand how the self-care exercised by Socrates towards his contemporaries in the Athenian polis occurred in practice. This dialogue well illustrates the conception of care related to the care of the soul, in other words the one that truly is, since corporeal life is marked by a period of existence in which the soul gains ownership of the body.

KEYWORDS: Speech; Politics; Government; teacher training.

* Doutora e Pós-doutoranda em filosofia pelo Programa de Pós-graduação Lógica e Metafísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLM/UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil, FAPERJ, Proc. SEI E-26/204.479/2021, E-mail: cupello.priscila@gmail.com

Há um enorme debate em torno da autenticidade da obra *Primeiro Alcibiades* de Platão. Schleiermacher “invoca como argumento para esta inautenticidade, la forma, los estilos, la psicología del diálogo y el tipo de contenido que, según él, no encaja con el estilo platónico” (1836, p.10). No entanto, “en la opinión de Plutarco, de Olimpíodoro y de Proclo, el texto principal para la introducción a una lectura de Platón” (VALENTIM, 2012, p. 21). Já Michel Foucault defende a hipótese de que o diálogo poderia ter sido reescrito, tal como afirma:

as referências, o estilo da juventude estão muito presentes, inegáveis; por outro lado, a presença de temas e formas do platonismo constituído é igualmente muito visível. Penso que a hipótese de alguns – a mesma, parece-me, que Weil propõe com certas precauções – seria talvez a de uma espécie de reescrita do diálogo a partir de algum momento da velhice de Platão ou, no limite, após sua morte: dois elementos que seriam reunidos, dois extratos no texto, de certo modo, dois extratos que vieram a interferir e que em dado momento seriam costurados no diálogo. De qualquer maneira, posto que esta não é uma discussão da minha competência nem do meu propósito, o que me interessa e acho fascinante neste diálogo é que, no fundo, nele vemos traçado todo um percurso da filosofia de Platão, desde a interrogação socrática até o que parece elementos muito próximos do último Platão ou mesmo do neoplatonismo (FOUCAULT, 2001, p. 93).

Neste trabalho nos alinhamos com Michel Foucault e Edgardo Castro acerca da defesa da atribuição do diálogo *Alicibiades I* ao corpus platônico. Segundo Castro,

O *Alcibiades I*, o diálogo que a Antiguidade não tem dúvidas quanto a atribuí-lo à Platão, é considerado por Foucault como o ponto de partida da tradição da *epiméleia heautoû*, do *cuidado de si mesmo* a primeira grande emergência do cuidado (HS,46). Nele a questão do cuidado de si mesmo aparece em relação com outras três: a política, a pedagogia e o conhecimento de si” (CASTRO, 2016, p. 29).

Michel Foucault (1926-1984) no seu curso intitulado *Le Courage de la vérité* (2009) ministrado no Collège de France atribui ao *Alcibiades I* o diálogo que introduz a questão do *cuidado de si* e destaca que ao mesmo tempo em que Sócrates se dispõe a cuidar da alma de Alcibiades e promover nele o exame das opiniões, o filósofo também se autoexamina. Dito de outra forma, o cuidado com o outro funciona também como um espelho para o cuidado de si próprio porque, ao examinar as opiniões de Alcibiades, Sócrates também coloca em xeque as suas próprias crenças.

No início do diálogo *Primeiro Alcibiades* de Platão, Sócrates admite que teria ficado muito tempo afastado de Alcibiades devido a um “impedimento divino” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 103b), pois a divindade (*théos*) o teria interditado de se direcionar ao jovem¹. Todavia, mesmo à distância, o filósofo observou como o jovem se comportava e identificou nele uma postura orgulhosa e desdenhosa.² Sócrates reconhece a beleza física de Alcibiades e destaca que ele pertence à maior e mais abastada família da Hélade, dispondo de inúmeros amigos e parentes influentes, além de ter tido o renomado Péricles como tutor. O filósofo

1 Sócrates destaca que, com o fim da interdição colocada pelo deus (*théos*), poderia conversar com Alcibiades sobre suas ambições de dominar a toda a Europa e a Ásia. Sócrates fala para Alcibiades: “Quer parecer-me que quando eras jovem e não te achavas tão inflado por essas esperanças, a divindade não me permitia conversar contigo. Agora, porém, ela o consente, por estares em condições de ouvir-me” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 105e-106a).

2 Sócrates recrimina Alcibiades por tal atitude e diz: “envaidecido por todas essas vantagens, sobreposeste-te aos teus admiradores, que aos poucos se afastaram de ti, o que não te passou despercebido. Sei, portanto, muito bem, que te admiras de eu não desistir de amar-te, e te perguntas e que posso fundar minhas esperanças para persistir no meu intento, quando todo os outros já se retiraram” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 104c-d).

destaca que Alcibiades está “convencido de que não precisa de ninguém para nada, pois, tendo tudo com larga margem de sobra, de nada virás a precisar, a começar pelo corpo e a terminar pela alma” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 104a-b).

A primeira fala de Alcibiades no diálogo transmite seu tom de insatisfação, por estar incomodado por Sócrates segui-lo constantemente por toda parte (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 104d-e). Todavia, o filósofo pede que seu amado o escute com “boa disposição” e que se comprometa a não partir antes de terminar a conversa, mas o adverte que é muito provável que este diálogo seja demorado. Alcibiades compromete-se a ouvi-lo até o final. Isso é importante de ser destacado, pois, para que o pacto parresiástico socrático seja firmado, é necessário alguém disposto a falar e outro a ouvir. De acordo com Foucault, “ser escutado e encontrar no ouvinte a vontade de seguir o conselho que será dado, é essa a primeira condição do exercício do discurso filosófico como tarefa, como obra, como *érgon*, como realidade” (FOUCAULT, 2008, p. 213).

Seguindo com a análise do diálogo, Sócrates aponta sua primeira dificuldade, que consiste em falar “em caráter de apaixonado a quem não se rende a nenhum dos seus admiradores” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 104e-105a). O filósofo continua discorrendo sobre os motivos que o levaram a procurar Alcibiades e diz: “vou revelar-te os teus verdadeiros pensamentos com relação a ti próprio, para que vejas como sempre fostes objeto de minhas cogitações” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 105a-b). Sócrates identifica nas ambições de Alcibiades sua vontade de vir a do-

minar não só os helenos, mas também os bárbaros, ou seja, a Europa e a Ásia, e diz que para conseguir tal intento, o jovem precisará de sua ajuda:

Sem a minha colaboração não te será possível levar a termo todos esses projetos, tão grande é a influência que eu presumo ter sobre ti e tudo o que te diz respeito [...] E assim como pretendes demonstrar à cidade que és digno das maiores honrarias, para de pronto alcançares poder absoluto sobre ela, eu também, do meu lado, espero provar-te que te sou indispensável que nem o teu tutor, nem teus parentes, nem ninguém mais se encontra em condições de entregar-te em mãos o poder que tanto ambicionas, senão eu somente com a ajuda da divindade, bem entendido (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 105d-106a).

Com essa declaração, Sócrates apresenta-se como indispensável para o sucesso dos planos de Alcibiades. O filósofo expõe que não fará um discurso explicativo como seu amado está acostumado a ouvir (numa crítica à retórica)³, pois seu método de investigação constitui-se de perguntas e respostas. Sendo assim, Alcibiades garante que responderá às perguntas elaboradas pelo filósofo. Logo, o pacto parresiástico é estabelecido levando em conta a coragem de ambas as partes: por um lado alguém capaz de ouvir verdades muitas vezes desagradáveis e, por outro, alguém disposto a falar palavras que possam vir a ferir.

A partir de uma suposta pergunta que poderia vir a acontecer no tribunal ateniense, Sócrates faz Alcibiades refletir sobre quais conhecimentos teria para ocupar o cargo almejado de conselheiro da cidade de Atenas em detrimento da escolha de outras pessoas. Sócrates defende a tese de que o conhecimento é proveniente do aprendizado com outra pessoa ou da descoberta sozinho. Logo, ou conhecimento é aprendido ou é descoberto. Sócrates pergunta qual seria a natureza dos conhecimentos
3 Sócrates se nega a discursar (fazer discursos longos), mesmo quando Alcibiades lhe pede para que fale sozinho (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 114e).

de Alcibiades. que o tornaria a melhor opção para vir a ser o conselheiro da cidade? E o filósofo mesmo responde enumerando os conhecimentos adquiridos por Alcibiades durante sua vida:

Aprendeste a ler e a escrever, a tocar lira e a lutar. Não aprendeste a tocar flauta. Isso é o que sabes, a menos que tenha aprendido mais alguma coisa escondido de mim, o que me parece improvável, pois não saías de casa, nem de dia nem de noite, sem que eu percebesse (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 106e-107a).

Sócrates pergunta a Alcibiades se será conselheiro de ortografia ou regras de luta, já que para ser um bom conselheiro é preciso ter conhecimento acerca do assunto. Contudo, Alcibiades afirma que almeja ser conselheiro sobre “questões de guerra” ou “qualquer outro assunto de Estado” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 107d-e). Então, Sócrates questiona: “quando se atinge a excelência em matéria de paz e de guerra, de que modo a nomeias?”. Alcibiades responde: “Para ser franco, não sei” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 108d-e). Essa parte é significativa, pois Sócrates faz Alcibiades concluir por si mesmo que não sabe o assunto que deseja aconselhar. A percepção de sua própria ignorância é muito importante no processo que visa ao *cuidado de si*, pois primeiro é preciso identificar quais são os falsos conhecimentos que habitam em si mesmo para depois buscar melhorar-se.

Sócrates defende que presumir saber o que não se sabe é causa dos males mais repreensíveis (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 118a-b). E que a maior prova de que alguém sabe determinado conhecimento é “ser capaz de transmitir a outrem” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 118d-e). Sócrates provoca em Alcibiades o sentimento de vergonha, que é pedagó-

gica, pois agora Alcibiades reconhece que precisa adquirir o conhecimento que não possui a fim de se tornar um bom conselheiro para a cidade. Valendo-se da dialética, Sócrates conduz Alcibiades à reflexão acerca da natureza dos conselhos que deseja ofertar:

Sócrates: Então reflete um pouco, e procura explicar em que consiste o melhor a respeito de paz, quando for preciso ser firmada, ou com relação à guerra levada a cabo contra o adversário certo.

Alcibiades: Por mais que reflita, não atino com a resposta.

Sócrates: Ora, quando estamos em guerra, não sabes as queixas que alegamos reciprocamente para justificá-la, e de que expressões nos valem para esse fim?

Alcibiades: Sei! Que fomos enganados, ou nos fizeram violência, ou que nos tomaram algo.

Sócrates: Continua. E como procedemos nessas ocasiões? Procura a expressão que se pode aplicar em todos os casos em particular.

Alcibiades: Quer dizer, Sócrates, que em cada caso procedemos justa ou injustamente” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 109a-c).

Sócrates fica muito interessado em saber com quais professores Alcibiades aprendeu sobre a justiça. Todavia, o mesmo diz que não aprendeu com ninguém, mas que desde criança sabia distinguir o justo do injusto. Sócrates não se convence desta explicação, rebatendo que, se Alcibiades soubesse o que é a justiça teria dito no início da conversa. Sem muitas opções, Alcibiades afirma que aprendeu com todos na cidade. Mas eis que Sócrates afirma que se o vulgo não pode ensinar a jogar gamão, como poderia instruir sobre a natureza da justiça, já que a condição es-

sencial para se ensinar alguma coisa é conhecê-la (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 111b). O filósofo conclui desta discussão que:

E não ficou dito, também, que Alcibiades, o belo, filho de Clínia, ignorando a natureza do justo e do injusto, mas presumindo conhecê-la, pretendia apresentar-se à assembleia par dar conselhos aos atenienses a respeito de questões de que ele nada entendia? Não foi isso que ficou dito? [...] É verdadeira loucura, meu caro, levar avante o teu projeto de pretender ensinar aos outros o que nem sabes nem te deste ao trabalho de aprender (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 113b-c).

Alcibiades admite que a maioria das pessoas que se dedicam à política o faz sem nenhum preparo, e que a maioria das pessoas que ocupam cargos públicos é incompetente, além de não deter o conhecimento preciso para executar um bom governo e não se coloca a discutir a questão da justiça por julgá-la evidente (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 119c). Então, Sócrates pergunta ao jovem: “quais são os teus planos a teu próprio respeito? Pretendes continuar como estás, ou aplicar-te a alguma coisa?” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 119a-b). Alcibiades responde: “Isso é assunto para deliberarmos juntos” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 119b). Essa resposta mostra que Alcibiades precisa da ajuda de Sócrates para decidir que rumos tomar.

Xenofonte afirma que Alcibiades foi o mais “ambicioso” e “insolente dos democratas” (*Memoráveis*, I, II, 13). Podemos interpretar o diálogo *Primeiro Alcibiades*, de Platão, como uma tentativa de Sócrates de desencorajar o jovem de entrar para a vida política, sem que antes ele tenha feito o trabalho de cuidar de si mesmo e procurar melhorar a si próprio. Sócrates é alguém que se coloca na missão de cuidar das almas dos atenienses, tentando melhorá-los, mas que fracassou com seu amado na

tentativa de fazer com que ele buscasse os conhecimentos que lhe faltavam antes se ocupar negócios da cidade.

I Alcibíades, o conselheiro sobre a justiça

No que tange à questão da justiça, a primeira hipótese defendida por Alcibíades é a de que o agir justo nem sempre é vantajoso para quem o pratica, como, por exemplo, socorrer uma pessoa numa situação arriscada. Isto pode ser considerado uma ação bela (*kalé*) e também um ato de coragem (*andreía*), mas é ruim caso venha a implicar na morte do salvador. Podemos pensar que há uma contradição nisso, pois a princípio podemos entender que a ação bela pode ser ruim. No entanto, Sócrates diz que isso não procede, pois o que torna a ação ruim não é o mesmo que a torna bela. Sob certo aspecto ela é bela, sob outro aspecto é ruim (PLATÃO, *Primeiro Alcibíades*, 115d-e).

Sócrates defende um modelo hierarquizado de valores que afirma que a morte e a covardia são os piores dos males, já a vida e a coragem estão dentre os melhores bens que existem no mundo. O socorro é bom e belo enquanto se constitui em um ato de coragem, por isso seria preferível morrer a agir covardemente, já que a “covardia é o maior dos males [...] igual à morte, ao que parece” (PLATÃO, *Primeiro Alcibíades*, 115d-e). A tese defendida por Sócrates é a de que a ação boa produz o bem e quem se comporta belamente é feliz. Logo, “Comportar-se bem é bom” (PLATÃO, *Primeiro Alcibíades*, 116b-c). E Alcibíades conclui que “quem pratica a ação justa, necessariamente realiza um ato belo” (Ibidem, 116c-d). Sócrates

tes defende a identificação do agir *belamente* (*kalôs*) com o agir *bem* (*eû práttein*), e aquele que age bem como feliz (*eudáimon*). Sendo assim, belo e bom nos revelam idênticos. Logo, toda ação justa é bela e toda ação bela é boa, do que se conclui que toda ação justa é vantajosa e leva a felicidade, derivando a tese: “o que é justo é vantajoso” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 116 d).

Alcibiades diz estar confuso, pois a cada momento tem uma opinião diferente sobre o assunto questionado. E Sócrates o coloca para refletir: “sempre que respondes contraditoriamente, sem o queres, é por desconheceres o assunto em debate [...] Não é evidente que isso só acontece por ignorares o assunto?” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 117a-b) E conclui:

Coabitas, meu caro, com a pior espécie de ignorância, o que tua conversação te demonstrou, ou melhor, tu a ti mesmo. Por isso, atiras-te à política antes de te haveres instruído. Aliás, não és o único a sofrer de semelhante mal, mas quase todos os que se ocupam com os negócios da República, com exceção de uns poucos e, naturalmente, do teu tutor, Péricles” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 118a-c).

A partir do uso da dialética, Sócrates consegue fazer com que Alcibiades conclua para si mesmo que não possui o conhecimento que anteriormente julgava que possuía para poder ocupar o cargo de conselheiro. Para Sócrates, o pior tipo de ignorância é não ter consciência do seu próprio não saber. O filósofo não é alguém que conversa com Alcibiades impondo-lhe um sistema dogmático epistêmico e moral, mas alguém que, através do método dialético e do jogo parresiástico, evidencia para Alcibiades as falhas em sua educação.

A dialética socrática faz com que o próprio Alcibiades conclua que a natureza dos seus conselhos tem por fundamento a distinção entre o justo e injusto. Ao que Sócrates pergunta ao jovem: “tomarias a justiça como a base de teus conselhos?” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 109c-d). No entanto, Alcibiades não sabe responder e muito menos definir o que é a justiça. Então Sócrates o adverte: “Não sabes que a condição essencial para ensinar alguma coisa é conhecê-la? Ou não?” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 111a-b). Alcibiades ignora o fato de não possuir o conhecimento para ocupar o cargo de conselheiro da cidade. “Alcibiades se va descubriendo a sí mismo, su ignorancia y sus límites, y eso le va acercando cada vez más a Sócrates” (VALENTIM, 2012, p. 3). Logo, Sócrates recomenda que Alcibiades vá exercitar o cuidado de si. Vemos uma relação importante entre ética e política ser estabelecida. De acordo com Ortega:

Para Sócrates, cuidar de si e cuidar do Estado são tarefas inseparáveis. Sobre esta relação estreita entre filosofia e política será construída toda a concepção da intersubjetividade agonística nas análises foucaultianas da ética grega clássica. O cuidado de si apresenta-se como condição pedagógica, ética e ontológica na constituição de um bom governador, pois constituir-se como governador pressupõe-se constituído como indivíduo que cuida de si (ORTEGA, 1999, p. 128).

Portanto, a mensagem de Sócrates para Alcibiades é a do cuidado de si, para que ele algum dia possa vir a cuidar dos interesses da cidade, já que alguém que ocupa um cargo público sem saber o que faz “cometerá erros” e se “comportará pessimamente” e será “infeliz” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 134a-b). Logo, Sócrates conclui que “ninguém poderá ser feliz, se não for sábio e bom” e não é “ficando rico que evitamos a infelicidade, porém tornando-nos sábios” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*,

134b-c). As cidades, portanto, para serem felizes, necessitam de virtude (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 134b-c).

II A educação de Alcibiades

Alcibiades tem o desejo de conquistar todo o território conhecido da Europa e da Ásia, mas Sócrates evidencia para o jovem as falhas em sua educação, quando comparada a de um rei persa. Com isso, Sócrates deseja fazer seu amado refletir sobre como pode pensar em derrotar alguém que tem uma educação superior a dele? E se atentar para o fato que em Atenas a maioria dos cidadãos não se importa com a educação dos jovens (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 122b-c).

Sobre o tema da educação, Pierre Hadot destaca alguns pontos fundamentais na educação grega, tais como: “força física, coragem, senso de dever e de honra que convém aos guerreiros e se encarnam nos grandes ancestrais divinos que se tomam por modelo” (1999, p. 31). Um desses modelos divinos é evocado por Sócrates, no diálogo *Apologia* de Platão, que é Aquiles, alguém que escolhe uma vida breve porém honrada. Sócrates destaca que, quando Aquiles é confrontado com a iminência da morte por matar Heitor e com a opção de não vingar seu amigo Pátroclo, escolhe a morte antes que uma vida sem honra. Sócrates narra essa história dizendo que:

O filho de Tétis, que tão longe levou o desprezo do perigo ante a ameaça da desonra. Ao vê-lo impaciente de matar Heitor, sua mãe – uma das deusas – lhe falou mais ou menos nos seguintes termos, segundo penso: filho se matares Heitor, em vingança da morte de teu amigo Pátroclo, virás também a morrer,

pois logo depois de Heitor, disse ela, o destino te alcançará. Ao ouvir isso, com desprezo da morte e do perigo e maior receio de viver desonrado se não vingasse o companheiro, respondeu-lhe: então, que morra logo, depois de castigar o criminoso, para não ficar junto das naves de proas recurvas como objeto de galhofa e peso inútil sobre a terra” (PLATÃO, *Apologia*, 28b-d).

Essa passagem é importante de ser destacada, pois Sócrates acredita que a melhor forma de agir é tomar os deuses como exemplo, uma educação mimética, que age pensando na honra e justiça mesmo que isso custe sua própria vida. Sócrates defende a tese de que morrer em si não é um mal, mas viver uma vida sem glória seria. Nesse sentido a ideia de “bela morte” (*kalòs thánatos*), ou seja, a morte em combate de um guerreiro na plenitude de sua virilidade transforma o guerreiro caído no campo de batalha em um homem valoroso que “pagou com sua vida a recusa da desonra no combate” (VERNANT, 1978, p. 31-32). A morte heroica transforma esse guerreiro em alguém memorável que merece ser lembrado em cantos, por sua ação gloriosa e honrada que não pode ser esquecida.

Assim como Aquiles, que coloca sua vida em risco ao matar Heitor, Sócrates coloca sua vida em risco ao viver a vida filosófica, uma vida comprometida com o cuidado de si e dos outros. Desse modo, torna-se um imperativo ético para Sócrates conversar com Alcibiades acerca suas pretensões em ocupar o cargo de conselheiro da cidade de Atenas. Segundo Xenofonte, Sócrates tenta dissuadir Alcibiades a participar da vida política, por acreditar que ele não tem conhecimento para gerir uma cidade, que ele não teve educação para atingir tal fim e que não procurou corrigir as falhas em sua educação por conta própria. Xenofonte relata: “sei que Crítias e Alcibiades se portaram prudentemente enquanto conviveram com

Sócrates. Não que temessem ser por ele castigados ou batidos, mas por crerem então ser a tudo preferível o hábito da virtude” (XENOFONTE, *Memoráveis*, I, II,18).

Além disso, Sócrates destaca que os helenos não podem competir com os persas na extensão das terras, em fertilidade das mesmas, em número de escravos, nem em ouro e prata (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 122d-e). Sobre a educação do rei persa Sócrates destaca:

Quando nasce o primogênito, herdeiro presuntivo da coroa, logo é festejado o acontecimento por todo o povo e os próprios governantes [...] Quando os príncipes atingem a idade de sete anos, dão-lhe mestres de equitação e os iniciam na caça. Com duas vezes sete anos, são entregues aos chamados preceptores reais, pessoas escolhidas entre os persas de maior conceito e no vigor da idade, em número de quatro: o mais sábio, o mais justo, o mais moderado e o mais valente. O primeiro o instrui no magismo de Zoroastro, filho de Oromásio, que consiste no culto dos deuses. Ensina-lhe também a arte de reinar. O mais justo o ensina a dizer sempre a verdade. O mais moderado o ensina a não se deixar dominar por nenhum prazer, para que se habitue a ser livre e rei, de fato, o que começa pelo domínio das paixões, para delas não vir a ser escravo. O mais corajoso o ensina a ser intrépido e isento de medo, inculcando-lhe que temor é escravidão. Ao passo que tu, Alcibiades, Péricles instituiu como teu preceptor um dos seus escravos, Zópiro de Trácia, que de tão velho se tornara imprestável (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 122a-c).

Com essa descrição minuciosa da educação persa, Sócrates questiona Alcibiades: como alguém que tem vinte anos incompletos e não tem conhecimento nenhum sobre a justiça e somente dispõe de “beleza, estatura, nascimento, riqueza e dotes de espírito” pode vir a enfrentar um rei persa? (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 123e-124a). Foucault destaca que:

O problema está em saber se a autoridade que lhes é conferida por seu *status* de nascimento, seu pertencimento ao meio aristocrático, sua grande fortuna – como era o caso de Alcibiades – se a autoridade que lhes é assim de saída

conferida, também os dota da capacidade de governar como convém. Trata-se, pois, de um mundo em que se problematizam as relações entre o *status* de “primeiro” e a “capacidade de governar” (2001, p. 56).

Podemos ver no diálogo a preocupação de Sócrates de fazer Alcibiades compreender que, antes de querer governar, é preciso estar apto para ocupar este cargo. Sócrates ressalta que é justamente na idade em que se encontra o jovem Alcibiades que se deve tomar alguma medida para remediar suas deficiências de conhecimento, pois aos cinquenta anos seria muito mais difícil (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 127e). Essa fala demarca que é preferível que as pessoas se cuidem enquanto jovens porque é muito mais difícil corrigir maus hábitos idoso. Por isso educam-se os jovens e não homens formados. Sobre a questão da sabedoria, Sócrates salienta que apesar de ter tido poucos professores, ele teve a ajuda da divindade (*theós*) como tutor e que somente buscando o conhecimento, de uma prática da vida refletida é que Alcibiades poderá ter sucesso no intento de ser um conquistador (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 124c-d).

III O *cuidado de si* é o *cuidado da alma*

Sócrates levanta as questões: “o que significa a expressão cuidar de si mesmo?”, “Quando é que o homem cuida de si mesmo?”, “por meio de que arte podemos cuidar daquilo que nos diz respeito?” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 128a). “Alcibiades no solamente tiene que cuidar de sí mismo, sino que también tiene que preguntarse qué es esto que debe cuidar” (VALENTIM, 2012, p. 3). Cuidar de algo é fazer algo a seu respeito,

torná-lo melhor do que está no momento. Sócrates afirma que *cuidar de si* não pode ser a arte que deixa melhor as coisas que nos pertencem, mas a arte que nos faz melhorar na nossa essência íntima. É a pergunta que se coloca é: “o que somos nós?” Então Sócrates responde:

o homem não é nem o corpo, nem o conjunto dos dois, só resta, quero crer, ou aceitar que o homem é nada, ou, no caso de ser alguma coisa, terá que ser forçosamente a alma [...] É a alma, portanto, que nos recomenda conhecer que nos apresenta o preceito: conhece-te a ti mesmo (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 130c).

Sócrates vai defender a tese de que o homem é a sua alma, sendo assim, aquilo que se deve melhorar e aperfeiçoar é a alma, pois ela é o objeto do melhoramento. O *cuidado de si* é o cuidado da alma, ou seja, “Alcibiades es invitado a buscar dentro de él mismo aquello que pueda ser parecido con su alma” (VALENTIM, 2012, p. 4). Portanto, amar o corpo de Alcibiades não é o mesmo que amar Alcibiades, mas amar algo que pertence a Alcibiades. Sócrates afirma que ele é quem verdadeiramente ama Alcibiades, pois ama a sua alma e que não vai se afastar dele “depois de vir a perder o viço da mocidade”, contudo o filósofo exige que ele se esforce para ficar cada vez mais belo, não de corpo, mas de alma (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 130e-131e). De acordo com Salma Muchail:

Para cuidar de si, Alcibiades deverá conhecer a si mesmo; para conhecer-se, há que conhecer o divino, conhecendo o divino conhecerá a sabedoria e, portanto, o que é a justiça; assim, somente assim Alcibiades poderá ser o bom político capaz de bem governar a cidade. Ou dito de outro modo: a formação do político requer a relação amorosa com o mestre; conduzindo o discípulo ao reconhecimento da divindade, o mestre cuida de que deve cuidar de si (2011, p. 36).

Cuidar de si não diz respeito ao cuidado somente com o corpo ou com a riqueza, mas é um olhar refletido para a alma, pois ela é a parte

mais divina que se relaciona com o conhecimento e com a inteligência. Sócrates destaca que para cuidar de si mesmo “primeiro precisarás adquirir a virtude, tu ou quem quer que se disponha a governar ou a administrar não só a uma pessoa e interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 134c-d). Ou seja, antes de querer ocupar cargos públicos e governar a cidade, é preciso realizar um trabalho anterior, que é cuidar das suas próprias opiniões, que habitam sua alma e o levam a agir de forma justa ou injusta. Só é possível ser um bom governante tendo o conhecimento sobre a justiça, para poder agir em conformidade com o justo. Alcibiades termina o diálogo afirmando: “a partir de agora, passarei a meditar sobre a justiça” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 135e). E Sócrates termina dizendo: “Faço votos para que perseveres nesse intento; contudo, tenho meus receios, não por descreer de tua natureza; é que, considerando a força de nosso povo, temo que eu e tu venhamos a ser dominados por ela” (PLATÃO, *Primeiro Alcibiades*, 135e).

A análise do diálogo *Primeiro Alcibiades* de Platão é importante para podermos perceber como ocorria na prática o *cuidado de si* exercido por Sócrates com seus contemporâneos na *polis* ateniense. Esse diálogo ilustra bem a concepção de *cuidado* relacionado com o cuidado da alma, ou seja, com aquilo que se é verdadeiramente, já que a vida corpórea é marcada por um período da existência em que alma ganha a propriedade do corpo. “La *epimeleia heautou* ya no será un principio de privilegio, sino de cura interior, de búsqueda interior y de conocimiento de uno mismo” (VALENTIM, 2012, p. 3).

O que se evidencia neste diálogo é a preocupação com as opiniões falsas que habitam a alma, pois é preciso saber governar bem a si mesmo antes de governar a cidade. Sócrates faz com que Alcibiades conclua por si próprio, por meio do uso da dialética, que não possuía os conhecimentos que *a priori* achava que detinha para ocupar o cargo de conselheiro da cidade. Para Sócrates, Alcibiades sofre do pior tipo de ignorância, aquela de quem acredita ter um conhecimento que não tem.

Sócrates é o mestre do *cuidado de si* porque conduz o jovem à reflexão, demonstrando as falhas em sua educação. O filósofo precisa se valer da *parresía* para fazer Alcibiades enxergar suas opiniões falsas e buscar o melhoramento de si próprio. De acordo com Foucault, “o que é exigido é que o sujeito do poder político seja também o sujeito de uma atividade filosófica” (FOUCAULT,2008, p. 271).

Considerações finais

Sócrates ao conversar com o jovem ambicioso Alcibiades tenta mostrar-lhe a importância de saber o que é a justiça para que possa tornar-se um bom conselheiro para a cidade e disso deriva a necessidade de que ele se torne um homem virtuoso, ou seja, que ele cultive a vida examinada. Nota-se no diálogo uma grande valoração da vida filosófica, como aquela que se dedica à investigação e coloca-se na busca da verdade, visando sempre o agir justo, que se impõe, por escolha própria no imperativo de não cometer injustiças, sendo identificada como a única vida que leva à felicidade (*eudaimonia*). De acordo com Foucault:

Essa prática da filosofia é, antes de mais nada, é essencialmente, é fundamentalmente uma maneira para o indivíduo de se constituir como sujeito num certo modo de ser. E é esse modo de ser do sujeito filosófico que deve constituir o modo de ser do sujeito que exerce o poder (FOUCAULT,2008, p. 272).

Sócrates quer destacar a importância da vida refletida para aquele que quer governar seja a cidade, seja a sua casa. O filósofo não é alguém que interroga Alcibiades para lhe apresentar um conjunto de regras a serem seguidas, nem para lhe definir o que é a justiça. Portanto a questão principal é que a filosofia “não deve definir para a política o que ela deve fazer [mas] tem de definir para o homem político o que ele tem de ser” (FOUCAULT,2008, p. 273). A vida filosófica se constitui pela busca constante da melhor ação, a filosofia é a própria vida na reflexão permanente na busca pela sabedoria. Sobre esse assunto Pierre Hadot afirma que:

o saber não é uma série de proposições, uma teoria abstrata, mas a certeza de uma escolha, de uma decisão, de uma iniciativa: o saber não é um saber *tout court*, mas um saber-que-é-necessário-escolher, portanto, um saber viver. E esse saber do valor é que o guiará nas discussões travadas com seus interlocutores (HADOT, 1999, p. 61-62).

De acordo com Foucault (1984), o grande legado socrático está na concepção da filosofia enquanto prática do *cuidado de si*, pois é preciso que cada pessoa cuide da sua alma, analise-a para não ser habitado por opiniões falsas, que se desdobram em ações injustas. De acordo com Foucault, a vida filosófica é aquela que se preocupa com o exame constante das opiniões, pois tendo em vista a consciência de nosso não saber, temos que nos colocar constantemente na postura investigativa e na busca pela verdade. Para Foucault, Sócrates é uma voz dissidente da *polis* clássica,

que inaugura o modo de vida filosófico, pagando com sua própria vida pelas consequências da escolha por esse modo diferenciado de existência.

De acordo com Foucault, este diálogo de Platão destaca a importância de cuidar da alma dos cidadãos, já que eles poderão sair da posição de governados para vir a ser também os governantes da cidade. Isso quer dizer que: “é preciso que a alma do Príncipe possa se governar verdadeiramente segundo a filosofia verdadeira, para poder governar os outros de acordo com a política justa” (FOUCAULT,2008, p. 272).

Referências Bibliográficas

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Le Gouvernement de Soi et des Autres: Cours au Collège de France (1982-1983)*, Le Seuil: Gallimard, 2008.

FOUCAULT, Michel. *L’herméneutique du sujet: Cours au Collège de France (1981-1982)*. Paris, Gallimard-Seuil, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Le Courage de la vérité: Le Gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France (1984)*. Paris: Gallimard, 2009.

HADOT, Pierre. O que é a filosofia antiga? São Paulo. Edições Loyola, 1999.

MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault, mestre do cuidado: textos sobre A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Loyola, 2011.

ORTEGA, Francisco. Amizade e Estética da existência em Foucault. Edições Graal Ltda, Rio de Janeiro, 1999.

PLATÃO. Apologia de Sócrates, Críton. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, Belém, 2015.

PLATÃO. Primeiro Alcibíades, Segundo Alcibíades. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.

PLATÃO; XENOFONTE; ARISTÓFANES. Defesa de Sócrates, Ditos e feitos memoráveis de Sócrates, Apologia de Sócrates, As nuvens. Tradução de Platão por Jaime Bruna, de Xenofonte por Líbero Rangel de Andrade e de Aristófanes por Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 2).

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Introduction to the dialogues of Plato. Translated by William Dobson. Cambridge, MA, 1836.

VALENTIM, Inácio. Las Lecturas Platónicas de Michel Foucault. Lenguaje, Ética y Política: Parresía y el cuidado de sí en el Alcibiades, el Eutifrón y el Laques. 2012. Tese de Doutorado em Filosofia) – Universidad Carlos III, Madrid, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. Tradução de Elisa A. Kossovitch e João A. Hansen. Discurso, n. 9, 1978, pp. 31-62.